

Temacast #71 – As teorias marxistas

[ABERTURA]

Francisco Seixas

Muito bem, meus amigos, está começando mais um Temacast. Aqui é Francisco Seixas e hoje vamos falar sobre as teorias de Karl Marx. E me acompanha neste episódio o meu amigo Jorge Virgílio.

Jorge Virgílio

Olá, Francisco. Olá, ouvintes. E hoje nós aprenderemos que não basta interpretar o mundo, é preciso transformá-lo.

Francisco Seixas

Pois é. E não se esqueça que o Temacast **não** chega até você pela mão invisível do mercado, nem pelo Estado de Bem-estar social, mas sim através da doação de ouvintes que todo mês contribuem para a realização deste programa. Se você quer fazer parte do nosso time de mecenas e ajudar o Temacast a crescer, entre em nosso site temacast.com.br e descubra mais. Ou então você entra diretamente em um desses links: patreon.com/temacast ou em apoia.se/temacast.

O episódio vai começar agora, então boralá!

[INTRODUÇÃO]

[00:01:19]

Jorge Virgilio

Mas antes de começar, Francisco, uma pergunta: qual conceito principal que vem a sua mente quando você pensa em marxismo? Quer dizer, qual a principal ideia que o marxismo defende e o que lhe é mais importante na sua opinião?

Francisco Seixas

[00:01:43]

Hum, não sei, Jorge. Eu tenho a impressão de que o marxismo tende para a igualdade para as pessoas?! Uma sociedade justa para todos? Uma coisa mais ou menos por aí...

Jorge Virgilio

[00:01:52]

Pois, é, Francisco. A maioria das pessoas pensa assim. Em geral, elas pensam que a principal preocupação do Marx e de Engels era com a igualdade. Mas neste episódio a gente vai ver que, na verdade, a ideia central do marxismo não se concentra na defesa da “igualdade” e sim na defesa de um outro conceito iluminista, que é o conceito de “liberdade”. Para os iluministas, a liberdade - e não a igualdade - é que é o bem supremo, tendo a ciência como a sua principal ferramenta, pois justamente é a ciência que é capaz de nos libertar. É a luz da ciência, a luz da razão. Marx, como um pensador formado

numa tradição iluminista, ele está comprometido com esses dois objetivos gêmeos: que é a liberdade individual e a ciência.

Francisco Seixas

[00:02:36]

Bom, mas aí estamos adiantando um pouquinho as coisas, né, Jorge? Vamos com calma. Primeiro vamos apresentar quem foi esse “alemão” de quem todo mundo fala para o bem ou para o mal, mas antes de você falar a respeito do Karl Marx, eu quero deixar um aviso aqui:

Apesar do Temacast se reservar o direito de ser partidário, sem nos comprometer, portanto, com nenhum tipo de imparcialidade utópica, o nosso objetivo com este episódio não é defender, nem criticar qualquer segmento ideológico. Nosso objetivo é inaugurar uma série de episódios sobre diferentes pensadores que lançaremos assim sem qualquer tipo de previsão, de forma aleatória. Desse modo, nós faremos o possível neste episódio para apresentar as teorias marxistas da forma mais acadêmica possível, evitando qualquer juízo de valor sobre elas. Então, repetindo: o nosso objetivo não é doutrinar ninguém nem contra nem a favor do marxismo, mas ajudar nossos ouvintes a conhecer melhor ideias e conceitos que estão aí no dia a dia, mas que, infelizmente, são muito pouco estudados ou aprofundados pela maioria.

Jorge Virgílio

[00:03:44]

Exatamente, Francisco. Então, começando aqui.

Uma biografia resumida de Marx e Engels

O Karl Marx foi um filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista. A obra de Marx como cientista político estabeleceu a base para muito do entendimento atual nas ciências econômicas da relação entre o trabalho e o capital. Ele publicou vários livros durante sua vida, sendo que Manifesto Comunista e o Capital (que foi publicado em duas partes, uma em 1867 e outra em 1894) são os seus livros mais famosos e mais importantes.

Marx vinha de uma família de classe média alta em Tréveris, na Renânia prussiana, e estudou nas universidades de Bonn e Berlim, que são as duas capitais da Alemanha contemporânea. Nesse período que esteve na universidade, ele se interessou principalmente pelas ideias filosóficas de Hegel, tendo mais tarde se tornando um forte crítico do idealismo hegeliano, o qual ele viria a se contrapor exatamente com a sua concepção materialista da História.

Em 1843, o Marx ele se mudou para Paris, onde passou a trabalhar em jornais radicais de esquerda. Foi nesse período, por exemplo, que ele conheceu Friedrich Engels, que viria a se tornar seu amigo e seu principal colaborador. Em 1849, devido às suas atividades políticas ali na capital francesa, ele acabou tendo de se mudar para Londres junto com a esposa e os seus filhos. Ele foi exilado principalmente em decorrência da publicação do livro “O Manifesto Comunista”, que aconteceu em 1848. E foi ali em Londres que ele escreveu e

formulou as suas teorias sobre a atividade econômica e social, que acabaram originando a sua obra mais importante, “O Capital”. O primeiro volume d’O Capital foi publicado em 1867, enquanto o segundo volume, Francisco, só foi publicado postumamente, muitos anos mais tarde, por volta de 1894. Na Inglaterra, Marx continuou a fazer campanha para o socialismo e se tornou uma figura destacada na “Associação Internacional dos Trabalhadores” que tinha por lá.

As teorias de Marx sobre a sociedade, a economia e a política são conhecidas como “marxismo”. E o nosso objetivo no episódio de hoje será apresentar de forma bastante resumida, e na limitação, claro, de nossos próprios conhecimentos, o que vem a ser e o que defende esse tal de “marxismo”.

Independentemente de você amar ou odiar as diferentes correntes ideológicas e partidárias que se inspiraram nos seus livros, o fato é que Marx é uma das figuras mais influentes e mais estudadas na história da humanidade. Muitos intelectuais, sindicatos e partidos políticos no mundo todo tomam o seu trabalho como base.

Além disso, Marx é normalmente citado, ao lado de Émile Durkheim e Max Weber, como um dos três principais fundadores da sociologia moderna, dessa ciência sociologia. Portanto, é imprescindível conhecê-lo melhor, nem que seja para você criticá-lo melhor ou criticar aqueles que se apresentam como representantes do marxismo.

Francisco Seixas **[00:06:49]**

Pois é. Olha só.

Materialismo histórico

Diferentemente de outros pensadores econômicos de seu tempo, Marx não estava comprometido com ideias abstratas. De fato, ele tinha uma opinião bastante ruim sobre as pessoas que defendiam as “utopias” baseadas em conceitos etéreos como “justiça”, “igualdade social”, etc. Pessoas essas, inclusive, a quem ele chamava “socialistas utópicos”. Estando comprometido com o pensamento científico, o Marx desejava embasar sua teoria social em algum conceito mais concreto que o “bem-estar” ou a “paz mundial”. Ele queria algo que fosse mensurável e comparável. E por isso concluiu que, dentre as coisas que podiam ser medidas e comparadas, a coisa mais importante, mais característica acerca de nós seres humanos e as diferentes sociedades que nós construímos através do tempo, é a nossa capacidade de produzir o nosso próprio meio de subsistência. Em outras palavras, para Marx, é a capacidade de criar novas coisas através do trabalho que essencialmente nos diferencia, nós seres humanos, dos outros animais.

Assim, Marx acreditava que uma teoria científica da sociedade deveria basear-se nos modos de produção, ou seja, no sistema que organiza as forças produtivas da sociedade, tais como ferramentas, máquinas, materiais, conhecimento técnico, terra e todos os demais recursos naturais. O que ele

propunha em oposição ao socialismo utópico era o “socialismo científico”. A filosofia essencialmente materialista de Marx - que ficou conhecida como “materialismo histórico” - se opunha principalmente a filosofia idealista de um outro pensador alemão, que já citamos aqui, Georg Hegel. Hegel e a escola hegeliana tentavam interpretar a evolução da História a partir da evolução das ideias. Na visão de Marx, entretanto, a evolução da História se dava não pela evolução de ideias e da “consciência humana”, mas pela evolução dos modos de produção, estando a “consciência humana” e suas ideias acerca da moral, da religião, da organização política e social subordinadas aos seus meios de produção existentes em seu tempo.

O idealismo hegeliano adotava o método dialético, que consiste em abordar a questão a ser discutida na forma de tese e antítese, com objetivo de transcender pelo confronto de ideias ambas as teses iniciais, alcançando-se uma síntese delas, que seria uma terceira tese superior às duas anteriores. Dessa forma, o pensamento humano evoluiria de síntese em síntese chegando cada vez mais próximo da “Verdade”, do “Bom” e do “Justo”.

Marx, entretanto, não concordava com isso. Ele achava que essa aparente evolução da consciência humana possuía um mecanismo mais básico por trás, e esse mecanismo era a evolução material da sociedade. Ou seja, toda a superestrutura da sociedade - a sua forma de governo (presidencialismo, parlamentarismo, monarquia), as liberdades individuais que ela defende, os seus arranjos institucionais, etc. - tudo isso para Marx era secundário, tudo é derivado do modo como a economia - ou seja, a base da sociedade - está organizada.

Portanto, em uma concepção marxista, numa sociedade feudal, por exemplo, seria impossível haver uma democracia representativa ou igualdade de gênero... Isso se dava não porque a “consciência” das pessoas era mais ou menos evoluída, isso se dava porque as condições materiais da sociedade **impunham** uma especialização dos gêneros e uma rígida hierarquia social para proteger a terra, assegurar a transmissão da propriedade por herança, a manutenção de uma alta taxa de natalidade numa sociedade onde a maioria das pessoas morria jovem e a maioria das mulheres acabava morrendo ao dar à luz.

Mas, se o que evolui na sociedade não é a sua forma de pensar, mas a sua economia, o seu modo de produção, como ocorre então essa evolução? Na dialética materialista de Marx, um determinado modo de produção funciona por um determinado tempo até que ele começa a gerar tensões internas. Essas tensões internas se manifestam na forma de uma “**guerra de classes**”, ou seja, um conflito entre a elite, que controla os meios de produção, e a classe trabalhadora, que fornece a mão de obra para a produção. As próprias contradições do sistema - ou seja, as contradições entre a elite e a classe trabalhadora - levam a sua perda de equilíbrio. Assim, em um dado momento essas instabilidades ficam tão acentuadas que todo o sistema colapsa, e um novo sistema surge, e o novo sistema funciona por um tempo. Ele traz novos benefícios para a sociedade, mas depois começa a sofrer com suas próprias contradições, e eventualmente vem a colapsar também.

Para ilustrar esse conceito, vamos pegar o exemplo das antigas sociedades feudais europeias. Nessas sociedades, a elite era formada pela aristocracia rural que detinha a posse da terra, enquanto que a classe trabalhadora era formada por dois grupos distintos: os **camponeses**, que pertenciam a um feudo específico por relação de vassalagem, tendo a tarefa, portanto, de plantar e cuidar da propriedade dos seus senhores, e os **cidadãos livres**, que não pertenciam a nenhum feudo, nem juravam fidelidade a nenhum senhor.

Esses tais “cidadãos livres” eram principalmente comerciantes, que trocavam riquezas entre os diferentes feudos, ou profissionais liberais altamente especializados (como, por exemplo, construtores, médicos, escultores, artistas, etc.). E como viviam em geral em pequenas cidades muradas chamadas de burgos, os cidadãos livres acabaram sendo historicamente apelidados, ficaram conhecidos como “burgueses”.

Desses dois grupos pertencentes a classe trabalhadora feudal, os burgueses eram tidos como a mais inferior, por serem tidos como “materialistas”, “gananciosos”, sem ligação com a terra e de costumes “depravados”. Isso porque os burgueses se diferenciavam tanto da nobreza da terra quanto dos camponeses por serem homens e mulheres da cidade num mundo que era até então essencialmente rural.

Com o crescimento das cidades e de sua importância econômica em decorrência do fortalecimento do comércio exterior, com o advento do mercantilismo, que, aliás, foi a fase de transição do feudalismo para o capitalismo, esses burgueses acabaram se fortalecendo. Afinal, há séculos eles já estavam habituados com o ambiente urbano e com o trabalho assalariado e desterritorializado.

Da enorme discrepância que havia entre a sua importância para a economia dos nascentes Estados-nacionais (agora mais dependentes do comércio exterior que da agricultura) e da sua praticamente inexistente representação política (já que a política era dominada pela nobreza da terra), emergiram 4 grandes revoluções: A Revolução Inglesa ou Revolução Puritana, de 1642; a Revolução Gloriosa, de 1688, que terminaram com o absolutismo monárquico na Inglaterra e criou a Carta dos Direitos, “Bill of Rights”, que assegurava entre outras coisas a inviolabilidade da “propriedade privada” por parte do Estado; e também teve a Revolução Americana, de 1776; e a Revolução Francesa, em 1789, que estabeleceram Repúblicas e aprofundaram a influência burguesa na política, entre outras coisas, através da liberação de casamento entre burgueses e os nobres da terra (que era algo improvável no Antigo Regime).

Dessa forma, na visão de Marx, um novo sistema e uma nova estabilidade havia sido alcançada pela vitória da classe burguesa contra a classe representada pelos nobres, que culminou com a ascensão do capitalismo como modo de produção dominante. Um novo ciclo de desenvolvimento pôde se estabelecer na humanidade, com novas ideias, novas tecnologias, novas formas de governo, com mais liberdade. Em suma, com mais progresso e menos escassez do que no ciclo anterior.

Entretanto, fatalmente, devido às contradições existentes entre a nova classe dominante, os burgueses, e a classe trabalhadora, os camponeses abandonados no campo e os camponeses convertidos em operários e em pequenos comerciantes nas cidades, novas tensões se acumulariam rumo a uma nova guerra entre essas classes, onde o capitalismo chegaria ao fim e seria substituído. Pelo menos é isso que o Marx pensava.

Jorge Virgilio
[00:15:05]

Exatamente, Francisco.

Segundo Marx, isso ocorreria quando o capitalismo chegasse ao máximo do seu desenvolvimento, tal qual o feudalismo desapareceu quando a agricultura se tornou tão eficiente que era preciso vender o excedente da produção para outras partes do mundo.

Portanto, diferentemente do que a maioria das pessoas acredita, Marx não era nem **nunca** foi contrário ao capitalismo, nem achava o capitalismo particularmente ruim. Pelo contrário, na visão marxista o capitalismo é uma etapa fundamental no desenvolvimento da sociedade através da História, pois só o capitalismo seria capaz de gerar uma riqueza grande o suficiente para tornar viável a implementação do socialismo e eventualmente do comunismo.

Para Marx, o sistema capitalista é o sistema de produção mais eficiente já inventado pelo ser humano, tendo gerado uma acumulação de riqueza sem precedentes. E é justamente essa acumulação que seria necessária para que o ser humano entrasse numa era que ele chamava de pós-escassez.

Após haver colapsado ao atingir o “fim da escassez”, Marx acreditava que o capitalismo seria substituído pelo socialismo, e este, por sua vez, serviria de estado transitório para o comunismo, que seria “o fim da História”, pois o máximo de desenvolvimento material teria sido alcançado, e, portanto, o máximo de liberdade individual. Lembrando que o Marx está comprometido com a liberdade e não com a igualdade.

Em seu livro “O Manifesto Comunista”, o Marx dá uma breve definição do comunismo como sendo um mundo em que a liberdade de todos é a condição para a liberdade de cada um. Ou seja, todos devem ser livres, mas você não pode ser livre se os demais não forem livres também. Portanto, é preciso libertar a sociedade para libertar o indivíduo. Por essa razão, um dos conceitos principais do marxismo é a noção de “exploração”.

Se um indivíduo é livre através da exploração de outro indivíduo, então a sociedade como um todo não é livre. Desse modo, a sociedade comunista só seria alcançada quando todas as formas de exploração fossem banidas, permitindo que todos e cada um de nós fosse livre. E isso só seria possível num período pós-escassez. Portanto, num período posterior ao ápice do

capitalismo. Então o ápice tem que ser alcançado no capitalismo para que todo esse novo modo de produção socialista venha a se desenvolver.

Em um livro intitulado “A Ideologia Alemã”, que foi escrito em parceria com Engels e Moses Hess, em 1845, mas esse livro, apesar de ter sido escrito em 1845 só viria a ser publicado postumamente, em 1932, nesse livro Marx descreve a sociedade comunista da seguinte forma:

“Assim que a distribuição do trabalho passa a existir, cada homem tem um círculo de atividade determinado e exclusivo que lhe é imposto e do qual não pode sair; será caçador, pescador, pastor ou um crítico, e terá de continuar a sê-lo se não quiser perder os meios de subsistência. Na sociedade comunista, porém, onde cada indivíduo pode aperfeiçoar-se no campo que lhe aprouver, não tendo por isso uma esfera de atividade exclusiva, é a sociedade que regula a produção geral e me possibilita fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear à noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico. Esta fixação da atividade social, esta petrificação do nosso próprio trabalho num poder objetivo que nos domina e escapa ao nosso controle contrariando a nossa expectativa e destruindo os nossos cálculos, é um dos fatores principais no desenvolvimento histórico até os nossos dias.”

E essa, pessoal, essa foi a mesma extensa definição de sociedade comunista dada por Marx em todos os seus livros, em tudo que ele publicou em vida.

Assim como o britânico Adam Smith, “o pai da economia moderna”, o Marx acreditava que o desenvolvimento econômico e o acúmulo de capital estão intimamente ligados a especialização gerada pela **divisão do trabalho**. Isso é um conceito fundamental, tanto pro Adam Smith quanto pro Marx. No caso do Adam Smith, em suas investigações sobre a natureza da riqueza, ele usava como exemplo uma visita que realizou a uma fábrica de pregos no interior da Escócia. Com apenas 10 homens, essa fábrica, que dividia ali 18 tarefas básicas, essa fábrica conseguia produzir ali cerca de 48 mil pregos por dia. Ou seja, um número de pregos muito superior àquele que dez homens poderiam produzir se cada um tivesse que fazer todos os procedimentos de fabricação do prego. Essa observação levou Smith a concluir que quanto mais especializada e quanto mais articulada a mão de obra é na cadeia produtiva, maior a eficiência dos meios de produção. Ele chegou à conclusão de que a riqueza derivaria de algum modo do excedente gerado pelo aumento de produtividade.

O Marx ele concordava integralmente com a visão smithiana acerca da divisão do trabalho. Para Marx, a função histórica do capitalismo era aumentar massivamente a produtividade da sociedade humana, pelo mecanismo da especialização, abrindo caminho para o fim da escassez. Entretanto, ele considerava que essa especialização crescente do trabalho acabaria levando à alienação do ser humano, tornando-o cada vez mais mecanizado. Assim, o socialismo surgiria para solucionar essa contradição entre a eficiência advinda da divisão do trabalho e a alienação e o empobrecimento intelectual que, na

sua visão, o capitalismo provocava. É aquela famosa máxima: a pessoa que sabe tudo sobre a cabeça do parafuso não sabe nada no final das contas.

Quanto à hipotética sociedade comunista, onde as pessoas não teriam uma função exclusiva, podendo transitar de uma função para outra, desenvolvendo o máximo da sua capacidade humana, perfeitamente livres, essa ideia vem da conclusão de um raciocínio circular de Marx de que, no princípio, as primeiras sociedades humanas eram todas coletivistas: não havia especialização, nem classes, nem propriedade, e as pessoas viviam do que elas encontravam na natureza. Ele chamava isso de comunismo primitivo.

Mais tarde, essa sociedade comunista primitiva especializou-se em caçadores e coletores. Com o advento da agricultura, os caçadores tornaram-se militares e proprietários de terra (e viraram os nobres), ao passo que os coletores se tornaram camponeses e vassalos.

Com o fim do feudalismo, promovido pelos burgueses, os trabalhadores se subdividiram em funções mais e mais específicas, o que estimulou o aumento da produtividade, mas os alienou. Assim, com o socialismo, os trabalhadores passariam por um processo de “desalienação”, ganhando cada vez mais liberdade. E no fim de todo esse processo chegaríamos novamente a uma sociedade sem classes e sem especializações, tal qual éramos no início da História humana, e isso seria a sociedade comunista definitiva. E, portanto, o fim da História, o fim da evolução histórica.

Como para Marx o socialismo só poderia emergir numa sociedade em que o capitalismo fosse totalmente desenvolvido (ele acreditava que o Reino Unido seria a primeira sociedade socialista), pode-se dizer que Marx não consideraria **nenhuma** das sociedades que se auto intitularam como socialistas ou comunistas no século XX como tal. Isso porque todas essas revoluções ironicamente ocorreram em países essencialmente agrários e pouco desenvolvidos em termos de economia de mercado. Ou seja, eram países praticamente feudais, que passaram então a se dizer socialistas.

Francisco Seixas **[00:22:25]**

Exatamente, Jorge. Aí você vê que Marx já começou a errar nas suas previsões.

Teoria do valor-trabalho

Para entender a teoria marxista e a sua origem é necessário entender que o Karl Marx dirigia o seu discurso aos grandes economistas políticos clássicos lá do seu tempo, lá do século XIX. Esses economistas políticos eram oriundos das escolas clássicas fundadas por Adam Smith a partir da sua publicação, em 1778, do seu livro “Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações”, ou também mais conhecido como “A Riqueza das Nações”.

Os principais expoentes dessa escola, que deram continuidade às ideias de Smith, foram os britânicos John Stuart Mill, Thomas Hodgskin, Thomas Malthus e David Ricardo, também teve o irlandês William Thompson, o alemão Johann Heinrich von Thünen e o francês Jean Baptiste Say. A grande pergunta que todos eles tentavam responder e que não havia sido respondida por Smith é: o que produz valor? De onde vem o valor das coisas?

Para Adam Smith, o valor das coisas tenderia a um “preço de equilíbrio” no longo prazo devido a disputa dos diferentes agentes econômicos para maximizar os seus ganhos (ou satisfação). Assim, quem estava vendendo tentava vender pelo maior preço ao passo que quem estava comprando tentaria adquirir pelo menor preço. Para que isso fosse possível, era necessário que o comércio, essa troca de riquezas, fosse realizada de forma livre, sem o intervencionismo e o protecionismo do governo, como era comum no mercantilismo, que era o sistema econômico em voga na Inglaterra naquele período. Toda e qualquer forma de controle do Estado “desvirtuaria” as relações comerciais por não ser possível prever a necessidade de todos os agentes envolvidos, desequilibrando a relação entre demanda e oferta. Os agentes econômicos atuando livremente, sem restrições do Estado, chegariam a uma situação de eficiência. Atuando de forma livre, os mercados seriam regidos como que por “uma mão invisível”, que o regula automaticamente, sempre chegando à situação ótima. Essa política é conhecida como “laissez-faire” (**lêssê fér**) (“deixe fazer”, em francês), e ela basicamente prega que a ganância dos agentes econômicos em defender seus próprios interesses bastaria, seria suficiente, para manter o mercado sempre em equilíbrio, ou seja, com preços que permitissem a quantidade ofertada ser igual à quantidade da demanda, demandada.

Aqui um comentário sobre a expressão “a mão invisível.” Apesar de ser a expressão mais conhecida do Adam Smith, curiosamente ela aparece apenas uma vez na obra “A Riqueza das Nações”. Em todo caso, a mão invisível é uma alegoria para o sistema de formação de **preços**. Não sobre a **justiça social**. Adam Smith jamais defendeu que esse conceito fosse extrapolado para qualquer outro âmbito das relações humanas, nem jamais defendeu que a tal “mão invisível” tornaria a sociedade justa, democrática e feliz. O que ele defendeu é que ela formaria **preços racionais**, não “**preços justos**”.

E isso por um motivo simples: preço e justiça não possuem qualquer relação entre si. Ambos são assuntos de natureza completamente distinta. Vale lembrar que na época de Smith ainda estava muito em voga o pensamento medieval, principalmente calcados no filósofo católico, São Tomás de Aquino, acerca do que tornaria o preço de um determinado produto moralmente aceitável perante Deus. Para Smith, entretanto, o preço das coisas não é um fenômeno moral. Moral ou imoral é o **uso** que você faz das coisas, não quanto elas custam. O preço em si mesmo é meramente um agregador de informação, sem o qual o gerenciamento da sociedade seria quase impossível.

Imaginem que, sem preços, os administradores teriam que computar 24 horas por dia, 7 dias por semana, incluindo sábado, domingo e feriado, uma enormidade de informações sobre diversos produtos (quantidade, localização,

escassez, valorização individual, necessidade individual, valorização coletiva, necessidade coletiva, entre outras coisas). Uma tarefa imensa e impossível de ser realizada mesmo hoje em dia com o advento dos supercomputadores. A existência de preços facilita o provisionamento da sociedade pois todo mundo que deseja ofertar um produto projeta todos os seus motivos para que o seu preço suba enquanto que todos que desejam demandar (ou comprar) o produto projetam todos os seus motivos para que o seu preço caia, e seja o menor possível. E isso reduz toda a complexidade dos dados de abastecimento e distribuição a um único indicador. Caso contrário, numa economia sem preços, por exemplo, você precisaria de um super burocrata que provisionasse o que cada indivíduo necessita a todo momento.

Jorge Virgílio

[00:27:14]

Oh, Francisco, só um comentário rapidinho: haja fiscal do Sarney pra lidar com um mundo sem preços, hein?

Francisco Seixas

[00:27:20]

É, pois é... Seria impossível. Mas bom, vamos fazer, vamos dar um exemplo aqui:

Suponha que uma garrafa d'água tenha o preço fixo de 1 real. Agora imagine que no dia seguinte o abastecimento de água sofra algum tipo de problema que leve a uma escassez de água. O aumento repentino na procura por água engarrafada faria com que a demanda superasse a oferta do produto, tornando o valor de 1 real irracional, ou seja, dessincronizado com a situação atual.

Para que oferta e demanda nessa cidade voltassem ao equilíbrio e evitasse o desabastecimento de água engarrafada, toda a cadeia produtiva do país teria que ser redirecionada para aumentar a oferta de água nessa região em particular, o que elevaria os custos de entrega das garrafas de água por uma série de razões (teriam que ter mais caminhões pra poder levar essa água pra lá e esses caminhões deixariam de entregar em outras regiões para entregar nessa regiões e as outras ficariam desabastecidas. E os caminhoneiros teriam que fazer hora extra... Enfim, aumentaria o custo). Todos esses fatores somados levariam a uma elevação momentânea dos preços. E é humanamente impossível "adivinhar" o novo preço natural que a água engarrafada teria nesse novo contexto em tempo hábil para evitar uma crise de abastecimento. Por essa razão, na visão de Smith, só uma economia de mercado, e de mercado livre, permitiria a formação de preços racionais, pois seriam preços naturais emergentes do próprio equilíbrio dinâmico dos diversos agentes econômicos, ou seja, os preços vão evoluindo de acordo com a própria interação dos agentes que demandam e ofertam o produto.

Jorge Virgílio

00:29:04

Pois é, Francisco.

E ao contrário do que muitos críticos e defensores de Marx acreditam, ele não refutou essa tal “mão invisível” (lembrando mais uma vez que essa tal “mão” não existe, é só uma metáfora criada pelo Adam Smith). O Marx não refutou, nem teve a intenção de refutar as teorias do Adam Smith de qualquer maneira! Pelo contrário, Marx (assim como os outros intelectuais da escola clássica que ele criticava) basicamente incorporou a teoria smithiana nas suas próprias teorias.

Na verdade, todos eles buscavam esclarecer lacunas da teoria de Smith ou criar métodos empíricos e analíticos para lidar com os conceitos que foram introduzidos pelo filósofo escocês. Uma das principais teorias do marxismo, que é a teoria do valor-trabalho, é diretamente retirada de Smith (ou seja, a criação de valor se dá diretamente do trabalho humano, da especialização). A diferença é que a escola marxista vai criar suas próprias interpretações a respeito desse fenômeno. Aliás, Francisco, vale a pena lembrar que Smith morreu em 1790 e o Marx só nasceu em 1818. Ou seja, 28 anos depois do Smith ter morrido. Logo, Smith é de uma geração anterior e já era um clássico quando Karl Marx veio ao mundo. Não é, portanto, com Smith que se dá o embate de Marx, mas com os intérpretes do Smith no século XIX.

E a gente está falando isso porque muita gente fica falando “Smith contra Marx”. Parece que os caras foram da mesma época.

Francisco Seixas

[00:30:28]

É, eles não foram contemporâneos.

Jorge Virgílio

[00:30:30]

É...

É a mesma coisa de você falar “Einstein contra Newton”. Na verdade, Marx era um admirador da obra do Smith e estava tentando dar um passo a seguir.

A diferença essencial entre o Marx e a escola clássica no que tange a geração de valor é que Marx distinguia o valor em dois tipos: o **valor de uso** e o **valor de troca**. Segundo Marx, o valor de uso é aquele valor que os membros da escola clássica como Bentham (esse sim o Marx criticava) estavam se referindo. Ou seja, o valor atrelado a função utilidade, aquilo que nos deixa feliz (ou satisfeitos), conceito criado pelo Bentham.

Já os preços, ele não seria valor de uso, mas valor de troca, ou seja, o valor pelo qual as coisas (ou commodities) são trocadas no mercado. Ao contrário do valor de uso, que está atrelado a utilidade (quanto maior a utilidade, maior o valor), o valor de troca é dado pela quantidade de trabalho necessário para produzir uma determinada coisa.

Para ilustrar a diferença entre os dois conceitos, vamos imaginar que duas pessoas produzam computadores, por exemplo. O primeiro produz um computador perfeitamente funcional em 30 horas. Já o segundo, que é uma pessoa extremamente perfeccionista, limpa cada pecinha do computador meticulosamente, embala o produto com todo cuidado, e tudo isso para a sua própria satisfação, e produz o computador em 40 horas.

Na concepção de Marx, apesar do segundo fabricante ter mais satisfação em tratar cada processo da montagem do seu produto etc., os computadores do primeiro fabricante teriam mais valor de troca em decorrência do que ele chamava de “**tempo de trabalho socialmente necessário**”. Ou seja, o tempo de trabalho requerido para produzir qualquer valor de uso sob condições normais de produção, com a destreza e a intensidade médias que prevalecem no senso comum da sociedade.

Na visão marxista, se ambos atenderem os requisitos médios exigidos pela sociedade, as horas a mais gastas pelo perfeccionista é trabalho socialmente desnecessário. O segundo fabricante perdeu tempo porque o carinho e o comprometimento a mais que ele colocou ali no seu produto ele não vai ser computado pela sociedade no preço do produto. Ou seja, ninguém se importa se você estava feliz ou não quando fabricou alguma coisa, desde que a qualidade média do produto final seja aquela que todo mundo espera. O tempo adicional que você trabalhou é apenas custo adicional. Um exemplo que a gente pode dar seriam as fábricas de automóveis nos Estados Unidos e na Ásia, fazendo uma comparação. Os trabalhadores nos EUA, por exemplo, têm mais liberdades individuais, melhores condições de trabalho, maior poder de consumo que os trabalhadores asiáticos. Assim, a gente pode dizer que eles são, de modo geral, mais felizes que os asiáticos. Entretanto, como a qualidade esperada dos veículos que ambos produzem é a mesma e os asiáticos produzem mais rápido, o valor de troca do carro produzido na Ásia é maior porque o custo de produção é menor (o mesmo produto é produzido em menos tempo).

Assim, nesse ponto, em particular, Marx se diferencia dos pensadores da escola clássica. Pois, não é o equilíbrio entre a demanda e a oferta que dita os preços das coisas (seu valor de troca), mas a quantidade de tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-las. Numa perspectiva marxista, a oferta e a demanda só ditam os preços de troca no curto prazo. Quer dizer: ele não estava negando a existência da oferta e da demanda, mas ele estava dizendo que ela só vai afetar o valor final do preço no curto prazo. No longo prazo, a lei da oferta e da demanda continuaria ditando o que seria produzido pela sociedade, mas o seu preço final (ou seja, o preço final daquilo que foi produzido) seria dado por essa tal **lei do valor**, que é descrita pela teoria do valor-trabalho. Em outras palavras, uma vez que a dinâmica do mercado tenha trazido o preço de um produto para o seu ponto de equilíbrio (ou seja, um preço que equivale, oferta igual à demanda), o que determinará a partir dali o valor do produto é o tempo necessário para produzi-lo. Ou seja, a teoria do valor-trabalho nos diz as flutuações do preço de uma commodity em torno do seu ponto de equilíbrio.

Francisco Seixas
[00:34:34]

Perfeitamente.

Teoria do valor adicional (mais valia)

Olha só: pra gente entender um outro conceito bastante conhecido de Marx - talvez o mais conhecido - que é a tal da Mais Valia, ou Valor Adicional, a gente precisa definir um outro conceito muito presente na obra de Marx que é a “força de trabalho”.

No marxismo, a força de trabalho é uma commodity como outra qualquer e representa o trabalho realizado pelo ser humano. Quando alguém é contratado por outra pessoa ou por uma empresa para realizar um trabalho, o que ela está fazendo é trocar a sua força de trabalho por uma remuneração salarial, por exemplo.

Uma das perguntas que Marx tentava responder era a seguinte: por que a força de trabalho de determinados trabalhadores tem mais valor de troca do que outras? A resposta para ele derivava da teoria do valor-trabalho. Visto que a força de trabalho é uma commodity, o valor dos trabalhadores era determinado pelo tempo socialmente necessário para produzir esses trabalhadores. Explicando melhor: um médico ou um engenheiro são mais bem remunerados não porque eles trabalham ou produzem mais do que um faxineiro ou um pedreiro, mas simplesmente porque o tempo que a sociedade precisa para formar, para produzir esses profissionais, é muito maior. Para Marx, no capitalismo, não existe relação entre a riqueza que o indivíduo gera e a sua remuneração. A remuneração do indivíduo depende única e exclusivamente do quanto tempo é socialmente necessário para produzir aquele trabalhador.

E apesar de ser uma commodity como outra qualquer, como um livro ou um saco de cimento, uma ferramenta ou uma coisa qualquer, Marx considerava a força de trabalho a força produtiva mais importante da sociedade. E ela seria a mais importante, segundo Marx, por ser a única capaz de introduzir valor de troca adicional na sociedade. Então, ao contrário do que muita gente fala “mais valia” (que é valor adicional em latim) não é lucro propriamente dito. Embora o lucro esteja contido na mais valia, a mais valia representa o valor de troca extra que a força de trabalho injeta na sociedade. Em termos mais simples, mais valia é a diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador que produziu aquele trabalho. E esse seria o mecanismo básico através do qual o capitalista acumula capital.

E aqui um parêntese apenas para explicar que “capitalista”: é alguém que vive do rendimento do capital. Ou seja, alguém que ganha dinheiro com dinheiro, sem produzir nada de forma concreta. Quem tem emprego ou trabalho não é, por definição, capitalista. Todos vivemos no modo de produção capitalista, mas só algumas pessoas são capitalistas.

Esse fenômeno do acúmulo de capital aconteceria, de acordo com Marx, porque apesar da força de trabalho ser “consumida” pelo capitalista ao longo

do processo de geração de novas riquezas (assim como ele consome lenha, metal, água, animais, enfim, qualquer material), esse consumo da força de trabalho é essencialmente diferente do consumo das demais commodities.

Segundo Marx, a força de trabalho é a única commodity capaz de criar valor depois de consumida. Agora a gente vai tentar fazer uma ilustração aqui pra mostrar essa diferença. Imagine que você tem 500 reais. Se você usar esses 500 reais para ter uma refeição maravilhosa em algum restaurante, você vai adquirir o serviço desse restaurante, ficará satisfeito, mas ficará sem nada no final. Jantou, pagou e acabou. Os 500 reais terão desaparecido junto com essa commodity (logo, não gera nenhum valor adicional). Agora, imagine que você usasse esses mesmos 500 reais para fazer a manutenção do seu carro que estava um pouco amassado e arranhado. Para isso você contrataria um funileiro ou chapeador ou lanterneiro (depende do lugar que você estivesse aqui no Brasil), que efetivamente usaria a sua força de trabalho para reparar o teu carro. Depois disso, você resolve então vender o seu carro. E porque você arrumou o carro, deixou ele perfeito, você consegue pelo seu carro um valor de 1500 reais acima do que ele valeria se não tivesse feito esses reparos. Ou seja, você gastou 500 reais para reparar o carro, mas, no final, terminou com o valor de 1000 reais, que é o dobro do capital que você tinha investido inicialmente lá com o profissional. Quem gerou esse valor adicional? De onde ele veio? Segundo Marx, desse tal profissional que reparou o carro, e ele vem da diferença entre a remuneração que o profissional recebeu e a riqueza total que ele gerou.

Marx, assim como o filósofo John Locke, acreditava que só os seres humanos eram capazes de criar coisas. Na visão de Locke, os humanos eram “pequenos deuses” já que foram criados por Deus. Sendo a imagem do Criador Supremo, os humanos eram capazes eles próprios de criações menores. E é dessa capacidade criativa inerentemente humana, e só existente nos seres humanos, que advém o valor de troca adicional produzido pelo profissional no exemplo que acabamos de citar.

Assim, a remuneração paga a ele é uma “commodity mágica” que introduziu um valor extra ao valor de troca do carro ao ser consumida. Para entender esse fenômeno, Marx dividiu o capital gasto pelo capitalista em duas classes, que ele batizou de “capital constante” e “capital variável”. Explicando: todos os bens materiais que o capitalista possui (terrenos, carros, máquinas, imóveis, etc.) seria o capital constante, enquanto todos os salários e remunerações que ele paga seriam o capital variável.

Jorge Virgílio
[00:40:09]

Bom, Francisco.

A classe trabalhadora

Os economistas clássicos, segundo Marx, eram incapazes de diferenciar entre características universais da produção (que eram comuns a todos os modos de produção) e características específicas do capitalismo. E isso levava a uma

distorção principal: a crença de que toda atividade econômica no capitalismo é simplesmente uma série de trocas. Essa crença desconsiderava o fato de que as relações de poder na sociedade determinam as condições da troca. Como no modo de produção capitalista o capital acumulado é a fonte de poder, a classe dominante pode usar isso para estar sempre numa situação de vantagem sobre os trabalhadores.

Por exemplo, você é livre para sair do seu emprego quando você quiser. Entretanto, como trabalhador, você não tem capital acumulado. Você só tem o trabalho que pode realizar. Caso saia do emprego, você não terá qualquer meio de sobreviver porque você não tem nenhum meio alternativo de produzir comida e outros itens de necessidade básica (mesmo porque, devido ao elevado grau de especialização da sociedade, o indivíduo sabe fazer bem pouca coisa, embora faça pouca coisa muito bem). Como eu falei: “é o rei da cabeça do parafuso”. A única forma de sair do seu emprego, portanto, é ir para outro emprego, ou viver na informalidade, o que normalmente é muito difícil. Entretanto, se houver muito mais gente procurando emprego do que empregos sendo ofertados, você terá que se sujeitar a quaisquer condições que os empregadores lhe imponham. Inclusive, a gente está vivendo isso no Brasil atualmente.

A ideia de que as trocas de mercadorias no capitalismo são harmoniosas e promovem por si mesmas a liberdade e a igualdade é, portanto, um argumento falacioso, na visão de Marx. Na verdade, para ele, o oposto é que seria verdadeiro: numa sociedade em que as pessoas são mais livres e iguais, as trocas tendem a ser mais harmoniosas. Caso não haja instituições que defendam um “bem comum”, as trocas no capitalismo se dariam de forma absolutamente violenta, devido a diferença de poder dos agentes envolvidos. O trabalhador participa do mercado vendendo a sua mão de obra, mas é ingênuo achar que ele tem uma relação de igual para igual com o dono de uma multinacional ou um banqueiro. Para Marx, o trabalhador é um partícipe do capitalismo que está sempre a mercê dos grandes detentores de capital, que controlam os meios de produção. Nas palavras do próprio Karl Marx:

“Toda forma de produção cria suas próprias relações legais (tipos de propriedade), sua própria forma de governo, etc. Tudo o que os economistas burgueses sabem dizer é que a produção pode ser melhor levada a cabo através do policiamento moderno [...] Esquecem-se, porém, de que esse princípio (do manda quem pode) também é uma relação legal, e que o direito do mais forte também vigora em suas ‘repúblicas constitucionais’, só que de outra forma.”

Aqui só fazendo um parêntese sobre isso, vou dar um exemplo rapidamente: quando você coloca o seu dinheiro lá no banco pra render, todo mundo que já fez isso sabe que o dinheiro rende bem lentamente. Mas se você for ao banco pedir um empréstimo, os juros que ele coloca em cima do empréstimo são altíssimos. Isso vem da relação desigual que existe entre o trabalhador e o banqueiro. Não adianta você chegar lá e falar que é injusto. Como o banqueiro controla o sistema econômico do país, ele coloca juros completamente diferentes no que ele tem que pagar e no que você tem que pagar pra ele. A

ideia que ele está colocando aqui é de que é um pouco ingênuo você achar que simplesmente havendo trocas você vai gerar uma sociedade livre. Ele fala que isso por si só não bastaria. Então, continuando aqui...

No entanto, para o Marx, o que os trabalhadores não podem fazer sozinhos, eles poderiam fazer como um conjunto. Durante a Guerra Civil Inglesa, o filósofo britânico Thomas Hobbes (autor de O Leviatã, que é um livro, aliás, que se vocês puderem, leiam) ele disse que caso eles (os ingleses) soubessem quais eram os seus interesses a nação não estaria tão dividida. Lembrando que está num contexto ali de Guerra Civil. E o Marx acreditava na mesma coisa em relação a “classe trabalhadora”. Ele acreditava que as pessoas tinham estado confusas ao longo de toda a História. E essa confusão viria do fato dos trabalhadores não se identificarem com a sua classe. Antes os trabalhadores se identificavam com a sua religião, com o seu país, com a sua raça, com o seu gênero, com qualquer outra coisa, até com o seu time de futebol.

Entretanto, para ele, em um determinado momento, quando o capitalismo e a exploração da classe trabalhadora atingisse o seu apogeu, as pessoas começariam a tomar, então, consciência de quem elas eram e dos seus verdadeiros interesses, e isso levaria ao fim do capitalismo, pois, pela primeira vez, os trabalhadores se perceberiam como classe tal qual os burgueses tinham se percebido como uma classe lá na passagem do feudalismo para o capitalismo.

Conscientes de sua classe, os trabalhadores eles iriam então redesenhar as instituições em benefício próprio, ou seja, em benefício da classe trabalhadora. Não haveria mais trabalhadores brancos ou negros, brasileiros ou argentinos, homens ou mulheres, haveria apenas “trabalhadores”, cientes da sua posição na sociedade humana, e, então, eles passariam a defender instituições que os protegessem das distorções inerentes do capitalismo e daqueles que os oprimem.

Na concepção marxista, as desigualdades no capitalismo advêm do fato de que a remuneração do trabalhador não está relacionada com a riqueza que ele produz. Um exemplo claro disso nos nossos dias são aquelas fábricas chinesas da Apple. Os produtos da Apple são muito caros, em geral, mas o salário pago aos operários é muito, muito baixo. E isso vem do fato de que eles são pagos não pelo que eles produzem, mas pelo tempo que eles custam para serem produzidos pela Apple. Como o tempo de produção desse tipo de operário é ínfimo, bem pequeno, eles são uma commodity de pouco valor. E são uma commodity de pouco valor pois, como muitos deles podem ser produzidos num curto intervalo de tempo, a competição entre eles pelo mesmo posto de serviço derruba os salários. Na China é basicamente assim: ou você aceita ser explorado pela Apple e outras empresas ou você morre de fome. Basicamente é assim que funciona, então os salários são baixos por esse motivo.

Segundo Marx, os salários no capitalismo sempre tenderão para a subsistência. E isso advém do fato de que, no capitalismo, sempre existirá muitos desempregados, ou nas palavras dele, os desempregados são “o exército reserva do proletariado”. Os desempregados são importantes porque,

caso você se recuse a trabalhar pelo valor de subsistência, sempre haverá alguém para ocupar o seu lugar, que é o caso do Chinês, que ou trabalha na Fox Com ou morre de fome. E os salários devem sempre tender ao mínimo pois essa é a forma de maximizar a mais valia, que é aquele conceito que o Francisco explicou.

Como dissemos, a mais valia é a diferença entre a riqueza que o trabalhador produz e o que ele recebe. Então digamos que alguém trabalhe para a Apple e produza 50 iPhones por dia em 8 horas. Se nas primeiras 3 horas ele produzir uma riqueza equivalente ao seu salário, as outras 5 horas de trabalho vão gerar valor adicional para o capitalista. Dessa forma, Marx define o conceito de “exploração” como a razão entre as horas de trabalho para gerar valor adicional e as horas de trabalho para gerar o seu próprio salário.

Para Marx, no entanto, taxas muito elevadas de exploração não tiram o sono do capitalista. De fato, tendo o controle dos meios de produção e do principal instrumento de trabalho do capitalismo, que é o próprio capital, o capitalista pode dormir sossegado em relação a massa de trabalhadores explorados. Ele não está nem aí. Pro Marx, só há uma coisa que verdadeiramente aterroriza um capitalista e você sabe o que é, oh Francisco?

Francisco Seixas

[00:47:42]

Pelo que eu estou vendo até agora, deve ser um outro capitalista.

Jorge Virgílio

[00:47:47]

Exatamente, Francisco. Segundo Marx, a única coisa que assusta realmente um capitalista é outro capitalista.

Em particular, a competição de outro capitalista pelo mesmo mercado. Suponhamos que um segundo capitalista decida fabricar smartphones e que esse capitalista possua trabalhadores que se sujeitem a trabalhar 10 horas por dia. Caso ele precise das mesmas 3 horas de trabalho para que seu trabalhador se pague, isso significa que no fim do dia ele terá 7 horas de valor adicional contra as 5 horas do primeiro capitalista. Logo, tendo mais ganho, o segundo capitalista pode baixar o preço do seu produto, obrigando o primeiro capitalista a fazer o quê, pessoal? Ele pode baixar os preços dos seus produtos, obrigando o capitalista acuado, o primeiro lá que a gente citou, a baixar seus preços também. Entretanto, o primeiro capitalista se vê num dilema, ele bota o concorrente dele num dilema: como manter os seus ganhos se ele precisou baixar o preço do seu produto? A única forma de fazer isso em princípio é aumentar a exploração, obrigar o seu trabalhador a trabalhar mais horas, ou reduzir o salário dele, para que ele tenha 7 horas de ganho, como o segundo capitalista. Mas, no entanto, se o salário do trabalhador do capitalista 1 já estiver na subsistência daquele país, a única saída, portanto, é aumentar a exploração. Entretanto, há limitações físicas, quando não legais, para o quão grande a exploração pode chegar. Quer dizer, você não pode colocar o cara

pra trabalhar 24 horas por dia. Tem um limite, porque o dia tem um limite, o cansaço tem um limite.

Francisco Seixas
[00:49:14]

E tem as leis do país.

Jorge Virgílio
[00:49:19]

Sim, as leis do país. A única forma de continuar sendo competitivo é inovando tecnologicamente. Suponha que o primeiro capitalista investiu em pesquisa e conseguiu um método que dobra a sua produtividade. Isso significa que apenas uma hora e meia de trabalho será necessária para que os trabalhadores dele se paguem. E isso como valor adicional em uma jornada de 10 horas será de 8 horas e meia, contra 7 do segundo capitalista. Resultado: o segundo capitalista terá de se modernizar também para continuar competitivo. Mas como ambas tiveram que investir capital em pesquisa e tiveram que comprar novas máquinas, apesar do ganho de produtividade, o lucro de ambos cai. E isso advém do fato de que parte do dinheiro gerado pelo capital variável (os trabalhadores) teve que ser transferido para capital constante (que são as coisas: o maquinário, a nova linha de produção). Então isso faz com que o lucro dela invariavelmente caia, apesar do aumento da produtividade.

Francisco Seixas
[00:50:17]

E essa era, na visão de Marx, essencialmente a contradição estrutural do capitalismo. O mesmo processo de competição que faz com que o capitalismo crie processos cada vez mais eficientes faz com que ele perca cada vez mais sua liquidez. Cada vez mais o capitalista é obrigado a investir seus ganhos em capital constante, que, diferentemente do capital variável, não é capaz de gerar valor adicional. O que implica, assim, numa tendência geral na redução do lucro e uma crise cada vez mais aguda na liquidez.

E qual seria a solução do capitalista, segundo Marx, para essa crise na liquidez? Bom, restaria ao capitalista corta o mal pela raiz e eliminar a competição. Só pela formação de monopólios os lucros poderiam ser novamente ampliados. Entretanto, o monopólio reduz a capacidade de inovação, que é o principal impulsionador do capitalismo. É esse paradoxo, segundo Marx, que levará, ou que levaria, o capitalismo a crises sem fim.

Um outro problema apontado por Marx, mas que também já havia sido percebido por Adam Smith, é o fato de que os trabalhadores geram mais riqueza do que podem consumir. Se todos os trabalhadores do mundo juntassem tudo o que ganharam num mês, eles não seriam capazes de comprar tudo que foi produzido no mundo por eles naquele mês. Isso significa que, essencialmente, há sempre mais oferta do que demanda. E, segundo Marx e também Smith, isso levaria a uma disputa cada vez mais dura por novo

mercados. E uma busca por novos mercados levaria ao imperialismo, que é essencialmente monopólio de mercado.

Entretanto, eventualmente isso chegaria a um limite (a conquista de todos os mercados da Terra) e haveria uma crise de abastecimento no mundo por excesso de oferta. Claro que esse problema em tempos mais modernos foi solucionado, ao menos em parte. A solução foi ampliar as linhas de crédito permitindo que as pessoas consumissem mais do que elas efetivamente podem gastar. Entretanto, Marx viveu no século XIX e essa estratégia é relativamente recente. Acho que o Marx nem poderia imaginar que um dia haveria essas linhas de crédito.

Jorge Virgílio

[00:52:26]

Com certeza não. Você imaginar um trabalhador de classe D, por exemplo, que pode chegar lá nas Casas Bahia e financiar uma geladeira em 24 meses, acho que ele nem pensou nisso.

Francisco Seixas

[00:52:33]

Pois é.

Em todo caso, o que Marx queria dizer é que, embora a eficiência do capitalismo seja baseada na competição, eventualmente, no ápice do seu desenvolvimento, ele terminaria num sistema altamente monopolizado, o que facilitaria a percepção dos trabalhadores de que eles são uma classe, e que, como classe, eles possuem interesses em comum, para além das diferenças que possam ter como indivíduos.

Então, os trabalhadores derrubariam o capitalismo carcomido pelos monopólios e pela falta de liquidez, e implementariam um sistema socialista, estatizando os meios de produção e acabando com a propriedade privada. Nesse novo sistema, os salários estariam finalmente atrelados ao valor real do que é produzido pelo trabalhador, e não “custo de fabricação” do trabalhador, como no capitalismo. Os trabalhadores passariam a sujeitos da Economia e deixariam de ser objetos.

Segundo Marx, o socialismo pode ser definido como um sistema onde é distribuído “a cada um segundo a sua capacidade, a cada um de acordo com o seu trabalho”. O socialismo não seria, portanto, um sistema igualitário, como dizem alguns, pois os mais capacitados, os mais habilidosos, os mais inteligentes, esses teriam recompensas maiores do que os demais. Então, se duas pessoas exercem a mesma função e tem a mesma habilidade, elas ganhariam a mesma coisa. Entretanto, se o trabalhador 1 é solteiro, e o trabalhador 2 é casado e tem filhos, o poder de consumo do trabalhador 1 é significativamente maior que o de seu colega 2. Logo, é errado dizer que o socialismo acabaria com as desigualdades. Para Marx, o socialismo é, em linhas gerais, a superação da “mais valia”, que ele enxerga como o instrumento de dominação dos burgueses sobre a classe trabalhadora.

A igualdade, no entanto, seria alcançada definitivamente com a revolução comunista, que viria após a queda do socialismo. Marx não definiu muito além do que já falamos o que seria ou como funcionaria essa sociedade. Mas, em linhas gerais, segundo ele, o comunismo se diferenciaria do capitalismo e do socialismo como modo de produção pois no comunismo seria dado “a cada um de acordo com a sua capacidade, a cada um de acordo com a sua necessidade”.

E isso seria assim pois no comunismo as pessoas não trabalhariam por uma remuneração propriamente dita, “mas para desenvolver as suas potencialidades”. Logo, no exemplo que citamos anteriormente, do trabalhador solteiro e do trabalhador casado com filhos que exercem a mesma função, o trabalhador casado seria mais bem remunerado que seu colega solteiro de modo que a capacidade de consumo de ambos fosse a mesma. Uma outra diferença entre o socialismo e o comunismo é que no socialismo existe uma forte presença do Estado, enquanto que no comunismo o Estado, pelo que podemos deduzir dos escritos de Marx, se tornaria obsoleto e deixaria de existir. Logo, segundo o que deduzimos de Marx, se tem Estado não é comunismo.

Mas, assim, Jorge, vou te falar uma coisa, cara, eu não tenho muita simpatia pelas teorias de Marx, primeiro porque elas são defasadas. Elas foram feitas lá no século XIX e não são aplicáveis no nosso mundo atual. Mas eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre o que você acha das teorias do Marx, se você vê alguma falha. Fala alguma coisa.

Jorge Virgilio
[00:56:07]

Só deixando claro aqui, Francisco, que a partir de agora a gente vai dar nossa opinião pessoal.

Francisco Seixas
[00:56:14]

Então eu vou começar, vou começar a falar alguma coisa, tá? É opinião pessoal!!

Falhas do marxismo, alguns exemplos:

Sociedades ditas “socialistas” foram estabelecidas muito antes em países em estágios pouco avançados de capitalismo; portanto, isso aí refuta um pouquinho essa teoria do Marx, que é assim: o país teria que ter o capitalismo, depois o socialismo, depois atingiria o nirvana do comunismo. Então, como acabei de falar, teve muitas sociedades intituladas de socialistas que foram direto para o socialismo sem antes ter passado por um capitalismo avançado.

Outra coisa que eu acho é que sociedades que já foram socialistas tornaram-se capitalistas enquanto as capitalistas não se tornaram socialistas (por exemplo

as Repúblicas Soviéticas). Hoje a gente pode dizer que a Rússia é um país capitalista, tá cheio de empresa lá, de multinacional.

Jorge Virgilio

[00:57:07]

Exatamente. Então, quer dizer, isso já furou um pouco a teoria do Marx. Outra coisa que eu acho importante é que toda teoria é baseada em certas hipóteses e, a partir disso, o cara vai fazendo previsões do futuro e extrapolações. Mas existem conceitos na teoria que às vezes parecem fazer sentido, mas não necessariamente faz. Uma das coisas que eu acho problemática nas teorias do Marx é essa questão do fim da escassez. Acho que é um pouco complicado falar em escassez. Existe uma impossibilidade de se chegar ao fim da “escassez”, porque é difícil definir tudo que as pessoas precisam, né? Claro que o Marx diferenciava as necessidades básicas (necessidades fisiológicas) das necessidades induzidas pelo mercado (que são motivadas pelo consumismo). Ele falava de escassez no sentido de acabar com as novas necessidades básicas. Mas conforme a sociedade vai evoluindo, você resolve uma necessidade, mas novas necessidades são criadas. Por exemplo, devido ao aumento da longevidade, da evolução dos hábitos alimentares, de novas doenças que vão aparecendo...

Então, quer dizer, essa teoria de que chegaremos à super abundância em algum momento é muito complicada porque, no meu ver, vai sempre surgir alguma coisa que está faltando. No momento em que vai ter alguém com necessidade a gente nunca vai chegar num período em que tenho muito de tudo e eu posso trabalhar apenas para desenvolver as minhas potencialidades, entendeu?

Eu acho que só seria possível essa superabundância, tentando imaginar em que cenário isso poderia acontecer, se a gente tivesse robôs que fizessem tudo pela gente. E aí realmente a gente só vivesse pra se divertir e pra estudar.

Francisco Seixas

[00:58:40]

Pois é. Concordo contigo.

Jorge Virgílio

[00:58:42]

Outra coisa é que o Marx acreditava que haveria uma grave crise de liquidez devido ao fato dos capitalistas estarem sempre ali buscando mais e mais acumulação (basicamente, ele imaginava os capitalistas como se fossem “Tios Patinhas”, todos eles lá com seu cofre, a sua piscina de dinheiro). Isso de fato ocorreu em 2008 e criou uma grave crise no mercado financeiro global. Todo mundo viveu isso, é uma história recente do mundo. E isso aconteceu basicamente porque todo mundo ficou insolvente e os bancos pararam de emprestar para os bancos porque ninguém sabia se o outro teria dinheiro para pagar.

Entretanto, um fato que o Marx não previu ocorreu: ou seja, os governos, o setor público, ele interveio diretamente na economia, injetando liquidez a partir de seus tesouros nacionais. E com isso eles puseram a roda do capitalismo pra girar novamente. Portanto, eu acho que o Marx ele subestimou a capacidade dos governos de intervir e salvar o sistema capitalista. Eu acho que ele tinha uma visão talvez um pouco estereotipada de que os governos eram meramente instrumentos do capitalismo e não um poder paralelo do capitalismo, que poderia eventualmente dar um reboot no capitalismo.

Francisco Seixas
[00:59:47]

Exato.

Outro erro cometido por Marx, mas que era comum a TODOS os economistas clássicos, incluindo o próprio Adam Smith, era considerar como inevitável a tendência de declínio do lucro das empresas. De fato, no longo prazo a lucratividade de uma determinada empresa produzindo um determinado produto tende a cair, esse é um fato bem evidente.

Entretanto, o que eles não pensaram é que você pode parar de produzir aquele produto específico e produzir outro que terá altas taxas de lucratividade, ao menos nos primeiros anos. Vou dar um exemplo aqui: a Apple lançou o iPhone e quando ele foi lançado a lucratividade da Apple disparou porque houve um hiato em que eles detinham essa novidade. Depois os lucros tenderam ao declínio, quando outros fabricantes de smartphones com tela touch começaram a aparecer. E aí eles lançaram o iPad. Se o ramo de eletrônicos não estiver dando mais lucros, eventualmente os donos da Apple podem migrar para um outro ramo qualquer, por exemplo aeroespacial.

Os capitalistas não são estáticos naquilo em que investem. Parece que para a cabeça do Marx isso não acontecia, ele não podia prever isso. A Disney, por exemplo, ao mesmo tempo que faz filmes, possui parques temáticos e investe em pesquisas de transmissão de energia sem fio! Enfim, novos produtos ou serviços podem ser criados, novas indústrias podem ser criadas, mantendo assim alta a lucratividade.

Jorge Virgilio
[01:01:16]

Exatamente, Francisco.

E outra coisa que Marx subestimou foi a capacidade do Estado de desfazer monopólios. Como eu disse, para ele o Estado era só um instrumento dos capitalistas e não um poder próprio. E a gente vê na história que o próprio Estados Unidos desmente isso. A gente tem na história dos Estados Unidos vários exemplos de monopólios que foram desfeitos, como, por exemplo o monopólio do petróleo da família Rockefeller, o monopólio das telecomunicações da Bell Company e o monopólio da informática da Microsoft,

que foram desfeitos por ações governamentais. O governo dos Estados Unidos entrevistou nessas empresas dessas famílias e acabou com o monopólio, mantendo a roda do capitalismo girando.

Outra forma dos monopólios serem desfeitos é a própria incapacidade de seus detentores preverem novas tendências e impedir que novos negócios surjam a partir daquilo que eles mesmo inventaram. A Microsoft e a Apple surgiram bem debaixo dos olhos vigilantes da IBM. A Pixar surgiu debaixo das asas de duas gigantes, que foram a Lucasfilm e a Disney. A então desconhecida e minúscula empresa de efeitos especiais neozelandesa Weta Digital conseguiu superar uma onipotente e gigante empresa dos Estados Unidos, que era a Industrial Light & Magic, que era imbatível até a Weta Digital aparecer.

Então, quer dizer, por mais que o cara detenha poder e monopólios, surgem coisas que ele não controla e que mudam completamente o cenário. E o monopólio acaba se desfazendo. Quer ver um exemplo aqui no Brasil? A própria Globo. A Globo e os políticos no Brasil eles têm um monopólio muito grande das comunicações. A comunicação no Brasil é um monopólio enorme. Mas esse monopólio tem sido desfeito pelo quê? Pela internet. A Globo não tem como ter monopólio da internet e a internet chega a cada vez mais pessoas no Brasil. Mais canais, mais formas de interação entre as pessoas estão acontecendo e a Globo não pode fazer nada para impedir isso. Ele vai tentando, ali, manter o monopólio dela, mas essencialmente isso está se quebrando.

Francisco Seixas

[01:03:06]

Exatamente isso.

Jorge Virgilio

[01:03:09]

Uma outra coisa é que a maioria das sociedades capitalistas criou mecanismos como seguro desemprego ou algum tipo de auxílio, que mantém a liquidez na base da pirâmide e resolve aquele problema que o Marx citou de que você tem dois trabalhadores que fazem a mesma função, mas tem um que tem mais responsabilidade social, ou seja, é uma pessoa que tem filhos, mas aí então eles teriam poder de consumo diferente apesar de receberem a mesma coisa. Ou seja, o Marx achava que a meritocracia positivista (pessoas que fazem a mesma coisa ganham a mesma coisa), ele achava que isso era injusto porque as pessoas não têm, todas as mesmas responsabilidades sociais. Mas a nossa sociedade moderna, pelo menos nos países mais desenvolvidos, até mesmo aqui no Brasil, a gente desenvolveu mecanismos pra isso. Então se você é uma pessoa que trabalha e tem filho, às vezes receber algum auxílio, pelo menos em países mais avançados, a pessoa sempre recebe algum auxílio escola, ou auxílio qualquer coisa. Na Europa, isso é muito mais comum até. O que acaba, vamos dizer assim, compensando. Ou seja, o cara tem o salário base dele, que é igual, mas ele tem alguns auxílio do governo devido ao fato de que ele tem filhos e que isso é uma responsabilidade importante para o desenvolvimento da sociedade, porque se ninguém tiver filho a sociedade

simplesmente acaba. Aqui no Brasil a gente pode citar o Bolsa Família. E só um comentário assim muito rápido e sem entrar em polêmicas: apesar das pessoas falarem que o Bolsa Família é uma medida de esquerda, inclusive a própria esquerda aqui no Brasil diz que o Bolsa Família é uma medida de esquerda, o Bolsa Família não é uma medida de esquerda. O Bolsa Família é uma medida capitalista. É uma medida capitalista porque pra ser de esquerda ela teria que mexer nas estruturas sociais do Brasil e ela não mexe na estrutura social. A única coisa que você faz é dar R\$ 160 pro cara. Você chega lá pro cara e fala: você mora em um lugar que não tem esgoto, que não tem transporte, que não tem nada, mas toma R\$ 160.

Francisco Seixas.
[01:04:50]

Exato.

Jorge Virgílio
[01:04:51]

Então basicamente você está fazendo o quê? Você está injetando liquidez naquela base da pirâmide que não teria poder de consumo. E com isso você fortalece o quê? Por exemplo: você tem uma comunidade no interior, as pessoas não conseguem lidar com dinheiro porque as pessoas praticamente subsistem ali. Você dá R\$ 160 pra elas e elas passam a consumir no mercado local, no mercadinho que existe ali na região delas. E aquele comerciante é que é favorecido na verdade, porque ele agora tem um público consumidor que ele não tinha antes. Então, na verdade, você está simplesmente injetando dinheiro na base da pirâmide de uma forma bem barata, que foi a proposta do Quiris. O Quiris falou: ah, a gente dá pequenos empréstimos para a base da pirâmide, que é baratinho, e a gente faz a economia ser estimulada e aí os grandes investidores vão ficar com menos medo de investir e aí a economia volta a funcionar. Então dizer que o Bolsa Família é uma medida socialista é um erro, tanto de quem é contra o socialismo e acusa o Bolsa Família de socialista, quanto daqueles que são socialistas e querem transformar o Bolsa Família em uma medida socialista, o que é totalmente contrário a uma economia socialista.

Francisco Seixas
[01:05:51]

Exatamente. Mas olha só. A gente também não pode esquecer que, se Marx estivesse vivendo nos dias atuais, certamente ele não diria as mesmas coisas que disse e não pensaria do mesmo jeito que ele pensou lá no século XIX. E também podemos afirmar que o comunismo como idealizado por Marx NUNCA chegou a existir neste planetinha que a gente vive. No máximo, o que a gente pode ver aí são países socialistas com a figura do Estado imensa e impregnando a vida das pessoas, como por exemplo a Coreia do Norte.

E é claro, né, Jorge, que a gente poderia falar assim um monte ainda a respeito desse assunto, mas a gente não vai alongar muito esse episódio.

Estamos chegando no finalzinho desse episódio, onde a gente falou a respeito das teorias marxistas sem tentar impregnar a cabeça de ninguém contra nem a favor do marxismo.

Jorge Virgílio

[01:06:44]

Só um último comentário: apesar da gente ter tentado ser imparcial, vamos dizer assim, e apresentar as teorias e apesar de nessa última partezinha a gente dar a nossa opinião, eu acho que a gente vai acabar “causando” com esse episódio. Não é a nossa intenção. A gente pede que vocês respirem fundo, depois de ouvir o episódio, antes de nos escreverem, mas, enfim, a nossa ideia aqui não foi ir contra nada ou ser a favor de nada. Era simplesmente apresentar as ideias básicas das teorias marxistas.

[JABÁ]